

A HIPER-HISTÓRIA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ZAPATISMO

 10.5935/2177-6644.20220042

THE HYPER-HISTORY AND THE SOCIAL
MOVEMENTS: CONSIDERATIONS ABOUT
ZAPATISM

LA HIPERHISTORIA Y MOVIMIENTOS
SOCIALES: CONSIDERACIONES SOBRE EL
ZAPATISMO

Hermes Rodrigues de Lima *

 <https://orcid.org/0000-0001-6796-7361>

Resumo: Este artigo investiga o conceito de Hiper-história e suas repercussões no estudo dos movimentos sociais. Criado pelo filósofo italiano Luciano Floridi, a Hiper-história se refere a uma fase da humanidade, à era da internet e da instantaneidade. Analisa-se aqui como a internet afeta o entendimento da História e dos movimentos sociais, como o zapatismo, pioneiro na interação com o espaço virtual.

Palavras-chave: Hiper-História. Movimentos Sociais, Zapatismo

Abstract: This article investigates the concept of Hyperhistory and its repercussions in the study of social movements. Created by Italian philosopher Luciano Floridi, Hyperhistory refers to a phase of humanity in the age of the internet and instantaneity. It is analyzed here how the internet affects the understanding of history and social movements, such as zapatismo, a pioneer in the interaction with the virtual space.

Key-words: Hyperhistory. Social Movement., Zapatism

Resumen: Este artículo investiga el concepto de Hiperhistoria y sus repercusiones en el estudio de los movimientos sociales. Creada por el filósofo italiano Luciano Floridi, la Hiperhistoria hace referencia a una fase de la humanidad en la era de internet y la instantaneidad. Se analiza aquí cómo internet afecta la comprensión de la historia y de los movimientos sociales, como el zapatismo, pionero en la interacción con el espacio virtual.

Palabras-clave: Hiperhistoria. Movimientos Sociales. Zapatismo

* Graduado em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). 
<http://lattes.cnpq.br/9129299407979959> - E-mail: rodriguez@inventati.org.

Considerações Teórico-Metodológicas

A pesquisa para este artigo foi realizada segundo o modelo documental e bibliográfico. Seguindo Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 43) buscou-se a documentação direta – os materiais produzidos pelo movimento zapatista – sendo estas as fontes primárias. E a documentação indireta, que corresponde às fontes secundárias, dados, fontes e análises de outros pesquisadores dos temas aqui abordados.

Nesse artigo foi adotado o método hipotético-dedutivo que segundo João Mattar parte de uma hipótese fundada em teorias relacionadas ao tema que será estudado. Nesse método deve-se inicialmente formular um problema. No presente artigo a questão que se coloca é a validade do conceito de Hiper-história, muito recente nas ciências humanas, no estudo dos movimentos sociais, em específico, o zapatista. Em seguida criar soluções para as perguntas levantadas ao longo da pesquisa. Por fim, as soluções criadas são postas à luz das teorias já existentes. O autor explica que após serem colocadas à prova, a teoria ou as hipóteses podem ser substituídas caso seja necessário (MATTAR, 2017, p. 56).

Sobre a divisão entre História e Pré-História, considera-se esta última a fase humana associada ao período anterior à invenção da escrita. O termo História vem da antiguidade. Encontramos a primeira definição na Grécia antiga, no século V a.C., onde o vocábulo tinha duas acepções: memorizar os feitos humanos grandiosos e servir de protótipo para as ações futuras dos homens na pólis grega (ARAGÃO, 2019, p. 26). A palavra Pré-história, mesmo estando atrelada a estudos de períodos mais remotos no tempo, não tem seu vocábulo mencionado em obras científicas antes do século XIX, contexto em que a História:

[...] terá três grandes paradigmas que lhe servirá de alicerce teórico: o positivismo, o historicismo e o materialismo histórico. O positivismo, com o legado do iluminismo, procurou identificar as leis que regiam os fenômenos históricos através da objetividade e dos métodos de análise documental. Diziam-se imparciais na produção da História e na análise dos documentos. Os historiadores positivistas procuraram perceber a História através de generalizações que permitissem se guiar por um viés de sentido único que contemplasse toda a História da humanidade (ARAGÃO, 2019, p. 33).

A Pré-História surge assim como um conceito responsável por caracterizar acontecimentos e processos anteriores a escrita (ARAGÃO, 2019, p. 25). A concepção de Pré-História durante muito tempo guardou uma visão eurocêntrica acerca da História. Foi usada também como justificativa para uma suposta superioridade da Europa sobre sociedades sem escrita no contexto do neocolonialismo, consideradas pré-históricas no sentido de atrasadas e inferiores em relação às nações colonizadoras. Existe hoje um consenso na historiografia de que a invenção da escrita não

pode ser tomada unicamente como o ponto de ruptura entre Pré-história e História, levando-se em consideração também elementos biológicos, econômicos, culturais e sociais (ARAGÃO, 2019, p. 81).

Para discutir a Hiper-história parto também de dois conceitos muito valiosos: o capitalismo tardio e o realismo capitalista. O capitalismo tardio é um conceito que possui diversas significações sendo a aqui utilizada como o estágio onde o mesmo se expandiu de tal forma pelo globo terrestre e impregnou-se tão intimamente à vida cultural e à *psique* das pessoas que as contradições não mais podem ser disfarçadas. Este conceito contempla a ideia de que a competição e a exploração do outro sejam inerentes à natureza humana e “é o terreno de luta ideológica mais crucial em nossa época” (JAMESON, 2007, p. 271). O ciberespaço¹ pode ser visto como mais um dos vários campos de batalha entre a análise materialista da realidade e a negação da exploração e afirmação pelos defensores do capitalismo como um mecanismo de trocas livres entre indivíduos. Pierre Levy (1999, p. 24) nos lembra de como o advento da *internet* é um fenômeno de experimentação coletiva que alterou as relações humanas, a cultura, valores, política e outros conceitos.

Essa onipresença do capitalismo é explicada por Pierre Dardot e Christian Laval em seus estudos sobre o neoliberalismo como a “interiorização dos valores de mercado”. Este sistema que segundo os autores “[...] é tudo, menos puramente econômico [...] sendo uma racionalidade global que invade todas as dimensões da existência humana” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 382). A burguesia nacional e internacional não influencia apenas o Estado e a economia, mas impõe sua lógica “como modelo universalmente válido para pensar a ação pública e social. Hospitais, escolas, universidades, tribunais e delegacias são considerados empresas da alçada das mesmas ferramentas e das mesmas categorias” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 302-303), cujas decisões devem ser tomadas como um investimento.

Dardot e Laval ainda afirmam que a governança² do Estado passou por uma mudança no contexto da ordem neoliberal vigente. Assim como a governança das empresas de capital aberto está vigiada pelos seus acionistas, a governança do Estado se encontra sob o controle da comunidade financeira internacional. Isso implicou na concessão de autoridade cada vez maior às

¹ O ciberespaço de acordo com Pierre Levy é um espaço virtual onde experiências sociais, culturais e políticas ocorrem, sem necessariamente serem regidas pelas leis naturais e jurídicas do mundo real. Corresponde à rede mundial de computadores. O autor também se refere à este ambiente como um “universo oceânico de informações” (LEVY, 1999, p. 17).

² Entenda-se governança como a “soma das diferentes formas pelas quais os indivíduos e as instituições públicas e privadas administram seus negócios comuns. É um processo contínuo de cooperação e acomodação entre interesses diversos e conflitantes. Inclui as instituições oficiais e os regimes dotados de poderes de execução, do mesmo modo que os arranjos informais sobre os quais os povos e as instituições estão de acordo ou entendem ser de seu interesse” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 310).

empresas privadas, sob a forma de coprodução público-privada das normas internacionais. É o caso, por exemplo, da *internet* e das telecomunicações (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 272-273). Essa transferência de autoridade repercute também na:

[...] vigilância cada vez mais densa do espaço público e privado, a rastreabilidade cada vez mais precisa dos movimentos dos indivíduos na *internet*, a avaliação cada vez mais minuciosa e mesquinha da atividade dos indivíduos, a ação cada vez mais pregnante dos sistemas conjuntos de informação e publicidade e, talvez sobretudo, as formas cada vez mais insidiosas de autocontrole dos próprios sujeitos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 363).

A dominação mental do capitalismo sobre o indivíduo será chamado por Mark Fisher como realismo capitalista. É o sentimento de que as relações de classe são imutáveis e que sempre serão assim, já se tornando naturais. O termo realismo vem da ideia de que a única atitude realista frente a isso é a adaptação ao capitalismo, visto que contra ele não há alternativas nem utopias.

Fisher (2009, p. 24) cita o exemplo da animação da Pixar *Wall-E* para dizer que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. O filme representa o sentimento de que o capitalismo pode se reproduzir infinitamente e mesmo que acabe por destruir completamente o planeta Terra o sistema pode se expandir para o espaço sideral. Representa também a ideia de que o capital pode se reproduzir sem trabalho humano, no filme, os humanos habitam a estação espacial Axiom onde todo trabalho é feito por robôs.

As formas tradicionais de organização da classe trabalhadora após a quarta revolução industrial, perdem sua capacidade ofensiva. A “uberização”³ transforma as relações de trabalho, passa-se a trabalhar sem patrão e com seu próprio horário, reforçando ainda mais a perda de importância dos sindicatos, por exemplo. De acordo com Fisher o anti-capitalismo deixa de ser um antagonista ao capitalismo e passa a agir como uma forma de se reforçá-lo. Isso pode ser feito através do consumo seguro de ideias anti-capitalistas sem visar o fim desse sistema. No lugar disso busca-se aliviar suas contradições mais violentas por meio de ações individuais baseadas no consumo. Por exemplo, quando grandes nomes da cultura *pop* e da música lançam campanhas e produtos, cujo lucro das vendas prometem destinar à alguma causa ambiental ou social.

É importante diferenciar o realismo capitalista da tese do fim da História de Francis Fukuyama. O autor nipo-estadunidense faz uma afirmação de que a História havia chegado ao fim

³ O termo é um neologismo a partir da palavra *Uber*, que nomeia uma empresa transnacional estadunidense que oferece uma plataforma e um aplicativo de celular que utiliza a internet para integrar motoristas e passageiros usuários de um serviço de transporte alternativo aos táxis convencionais. A mesma lógica é encontrada no serviço de entrega de comida *iFood*, dentre outros.. Ludmila Costhek Abílio conceitua uberização como: uma tendência global de transformação do trabalhador em trabalhador autônomo, permanentemente disponível ao trabalho, reduzido a um autogerente subordinado, ao mesmo tempo que está desprovido de qualquer direito ou proteção associados ao trabalho, assim como de qualquer garantia sobre sua própria remuneração e limites sobre seu tempo de trabalho (ABÍLIO, 2020, p. 114).

com a dissolução da União Soviética e com a vitória do capitalismo partindo daí que não mais haveria disputa de sistemas (FUKUYAMA, 1992, p. 12). Fisher por sua vez, não faz uma afirmação, mas analisa um sentimento de que não existe mais alternativa anti-capitalista.

Como exemplo dessa mudança mental cito a notícia de 22 de setembro de 2021 do site *Canaltech*⁴, onde é mostrado uma novidade no game *Grand Theft Auto* (mais popularmente conhecido pela sigla GTA) que dá ao jogador a opção de ser um entregador da empresa *iFood*. Ou seja, uma mercadoria cultural, o *game*, que antes tinha função meramente de entretenimento, agora torna-se um verdadeiro simulador de relações de trabalho. Exploração e diversão, contraditoriamente, se fundem aqui.

Outro exemplo é o advento do *NFT*⁵, uma tecnologia de validação que garante que determinada arquivo digital é único e vem se mostrando com uma forma de especulação. Em 24 de setembro de 2021 foi noticiado no site *GI*⁶ que um *NFT* da imagem conhecida como o “meme da Chloe” foi vendido pelo equivalente a US\$ 73.000,00. No capitalismo tardio, se atribui valor ao “nada”, se produz capital sem trabalho, pois esta imagem pode ser simplesmente copiada como um *print*, a partir dela não se pode gerar nada, não atende nenhuma necessidade humana. É a mais alta especulação pois estamos falando de zeros e uns em um computador.

A hipótese inicial para este artigo é que após a análise das fontes primárias e secundárias entende-se que a tese defendida por Luciano Floridi acerca da Hiper-história, coloca-se como procedente. O mundo hiperconectado que vem desde a quarta revolução tecnológica, a informática, alterou a sociedade como um todo. A forma de produção de fontes históricas também, muito mais rápida e em maior quantidade. A informática e a rede mundial de computadores ajudaram a inflar o presente. Os passados que não passam, são resgatados a todo o momento, como será explorado mais adiante. E acerca do lugar dos movimentos sociais nesse processo é analisado o caso zapatista. O primeiro a desbravar a internet, abriu precedentes para que outros movimentos e organizações também o fizessem, alterando fortemente a militância política nas décadas seguintes. O movimento zapatista impulsionou os demais movimentos sociais a se tornarem hiper-históricos.

Os movimentos sociais não possuem um conceito único (GOHN, 2006, p. 181). Várias são as teorias para a sua análise desde as clássicas, como a defendida por Marx, Durkheim e Weber às novas, cujos exemplos são Desmobilização Política e Mobilização Política até a Teoria dos Novos

⁴ Disponível em: [Canaltech](https://www.canaltech.com.br/).

⁵ “**NFT** é a sigla para *non-fungible token*, ou **token não fungível**, um ativo criado a partir da tecnologia de *blockchain* (criptografia) que serve como identidade digital de um item. O NFT assegura a autenticidade daquele item, que é único. Ou seja, o ativo garante a posse de um bem exclusivo, que nenhuma outra pessoa tem”. Disponível em: [Warren](https://www.warren.com.br/).

⁶ Disponível em: [G1-Globo](https://www.g1.com.br/).

Movimentos Sociais, Novíssimos Movimentos dos Indignados e a Teoria da Mobilização de Recursos (GOHN, 2006, p. 187). Um dos primeiros registros do termo “movimento social” está associado à Karl Marx. O autor alemão referia-se a onda de protestos dos operários europeus no século XIX que exigiam fim do trabalho infantil, melhores salários e salubridade (GOHN, 2006, p. 166).

Hobsbawm também explorou os movimentos sociais dos séculos XIX e XX. Desde os bandidos sociais⁷ e o milenarismo camponês até os movimentos operários. O autor inglês considerava os primeiros como “movimentos sociais primitivos”. Entendia que suas ações eram movidas pelas tragédias pessoais e coletivas e pela esperança de um mundo novo que poderia ser alcançado com sonhos e com violência (HOBSBAWM, 1983, p. 165).

Por sua vez, o filósofo italiano Norberto Bobbio afirma que movimentos sociais:

[...] constituem tentativas, fundadas num conjunto de valores comuns, destinadas a definir as formas de ação social e a influir nos seus resultados. Comportamentos Coletivos e Movimentos Sociais se distinguem pelo grau e pelo tipo de mudança que pretendem provocar no sistema, e pelos valores e nível de integração que lhes são intrínsecos (BOBBIO, 1998, 787).

Dois conceitos básicos presentes em uma cultura histórica e historiográfica⁸ mais hegemônicas são a Pré-História e a História. Segundo o filósofo Luciano Floridi (2012, p. 129-130; 2015, p. 51-52) Pré-história, História e Hiper-história são fases da humanidade, não correspondendo a períodos marcados com exatidão, mas a como se produziu e transmitiu informação. A primeira e a segunda podem ser diferenciadas pela invenção da escrita. Fontes orais, pinturas rupestres, pergaminhos, livros e outros meios também foram usados para comunicar conhecimento e ideias ao longo dos séculos. O século XX por sua vez trouxe a luz uma nova forma de registrar e comunicar: o computador e a *internet*.

Na Pré-história a transmissão de informações se dava não através da escrita mas por outros meios. Seja pela tradição oral, pinturas rupestres e pelo simples mimetismo do comportamento dos mais velhos pelos mais jovens. Quando o relato de uma caça, um confronto com outras comunidades ou um fenômeno natural não era registrado pela oralidade se perdia para sempre. Há

⁷ O termo pode ser usado para se referir a indivíduos ou organizações criminosas como a máfia italiana. Hobsbawm descreve que mesmo com práticas criminosas gozavam da simpatia de uma população pobre e desassistida pelo Estado.

⁸ Elio Flores afirma que a cultura histórica são “[...] os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de uma saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais. A cultura historiográfica por sua vez representa aquela dos historiadores profissionais” (Flores., 2007, p. 95 *Apud* ALVES, 2009).

cerca de 6 mil anos com o desenvolvimento da escrita cuneiforme em tabletes de argila na Antiga Mesopotâmia - atualmente Iraque - uma quantidade maior de informação pode ser armazenada e transmitida através do tempo e do espaço. A transmissão de informações a partir desse ponto continuou a se transformar – papiro, pergaminhos e a impressão de tipos móveis fizeram parte desse processo.

A formulação de um conceito parte da interação de um estudioso com a realidade do seu próprio tempo. Floridi defende a tese de que uma sociedade passa da História para a Hiper-história quando uma sociedade torna-se hiperconectada (FLORIDI, 2015, p. 139-140). Para o filósofo italiano, na Hiper-história não há mais distinção entre o real e o virtual, entre o *offline* e o *online*. A informação não é mais apenas armazenada e transmitida, mas também processada. A tecnologia chegou a um nível de desenvolvimento onde ela poderá produzir cada vez mais dados de maneira autônoma, dependendo cada vez menos de um ser humano apertar uma tecla, como no caso da inteligência artificial.

A capacidade de armazenamento infinito proporcionado pelos computadores pessoais e demais dispositivos eletrônicos fazem o passado inundar cada vez mais o nosso presente. É cada vez mais difícil viver no presente sem qualquer tipo de moda, ou música das últimas décadas (GUMBRECHT, 2015, p. 15). Isso vai de encontro ao método histórico, cujo objetivo é anular os efeitos do tempo presente na análise histórica, uma vez que historiadores são homens e mulheres do seu tempo. O anacronismo, pecado capital dos historiadores, mostra-se um desafio ainda maior na Hiper-história.

Sendo a Hiper-história marcada pela instantaneidade, o inchaço do presente, a viralização⁹, o “ao vivo” e o mundo hiperconectado, encontramos nos estudos de Manuel Castells um importante aporte teórico. Debruçando-se sobre os movimentos sociais e sua interação com a rede mundial de computadores, o autor espanhol é primordial para análise a qual se propõe este artigo. Castells (2014, p. 127) defende que os movimentos sociais foram e continuam a ser as alavancas da história.

O movimento zapatista e o mundo hiperconectado

O movimento zapatista – e o seu braço armado, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, sob a sigla EZLN – foi primeiro movimento social a usar a internet como instrumento de propaganda, comunicação e articulação em larga escala (ROSA, 2013; MORAES, 2007). Outros

⁹ Manuel Castells (2014, p. 131) afirma que “os movimentos sociais são virais, seguindo a lógica das redes da internet”. Os termos *vira* e *viralização* são comumente usados no contexto de uma sociedade hiperconectada para definir conteúdos sejam escritos ou audiovisuais que se espalham com velocidade para um grande número de pessoas.

movimentos sociais que estiveram intensamente envolvidos em manifestações, protestos e confrontos que envolviam reforma agrária e direitos das populações indígenas e camponesa também intensificaram o uso da internet mais recentemente, como no caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no Brasil. É importante para este artigo informar que o exército zapatista diferenciava-se de outras guerrilhas latino-americanas ao rejeitar a tomada do poder estatal. Definindo-se como: “Uma força política cujos integrantes não desempenhem, nem aspirem desempenhar, cargos de eleição popular ou postos governamentais em quaisquer de seus níveis. Uma força política que não aspire à tomada do poder. Uma força que não seja um partido político” (EZLN, 1996).

A Primeira Declaração da Selva Lacandona foi publicada na íntegra pelo jornal mexicano *La Jornada* já no dia seguinte ao levante armado e foi traduzida ao inglês e outros idiomas. Foi o primeiro documento da revolta zapatista (ORTIZ, 2005, p. 175). Compartilhada em sites de notícias e listas de email, a narrativa zapatista do confronto podia ser lida desde um militante dos direitos humanos no Brasil à um estudante na França. Na Hiper-história a distância no tempo e no espaço se reduz rumo à nulidade. A busca pelo “ao vivo”, pelo simultâneo é incessante.

Na Segunda Declaração da Selva Lacandona o movimento afirma que:

Neste sentido, esta revolução não se concluirá numa nova classe, fração de classe ou grupo no poder, e sim num ‘espaço livre e democrático de luta política. [...] Nascerá uma nova relação política. Uma nova política cuja base não seja o embate entre organizações políticas e sim o embate de suas propostas políticas com as diferentes classes sociais, pois o exercício da titularidade do poder político dependerá do seu apoio real (EZLN, 1994b).

O contexto do levante zapatista, a década de 1990 é marcado pela crítica às experiências socialistas anteriores e a busca por parte de movimentos e organizações que permaneceram no campo socialista por uma nova *práxis*. Jorge Miglioli aponta uma descrença generalizada nas ideias de esquerda, devido ao colapso dos regimes comunistas no Leste Europeu, ao mesmo tempo a direita impulsionou uma narrativa de impossibilidade de qualquer projeto socialista (MIGLIOLI, 2010, p. 56). Esse distanciamento dos zapatistas da proposta de revolução marxista-leninista é reforçado pelo fato de a URSS, Cuba e organizações revolucionárias marxistas latino-americanas, negarem o fornecimento de armamento, treinamento e dinheiro para a guerrilha zapatista quando da sua formação (HILSENBECK FILHO, 2007, p. 92).

Antonio Negri afirma que na década de 1990 uma ampla parcela da esquerda social-democrata e até revolucionária não visualizava mais possibilidade de revolução. O autor afirma que as organizações políticas, mesmo as revolucionárias, deveriam se adaptar às novas relações sociais em rápida transformação por causa da melhoria das condições de vida em alguns países e da

inovação tecnológica acelerada (NEGRI, 2001, p. 153-154). Aqui é possível traçar um paralelo entre Negri, Miglioli e Grumbetch que escreveu sobre as transformações na cultura histórica na década de 1990 onde se abandona a ideia que existia uma evolução no fluxo temporal do passado – a barbárie, o obscurantismo – para o presente e deste para futuro – utopia. Diz o autor que:

[...] o futuro não se apresenta mais como horizonte aberto de possibilidades; ao invés disso, ele é uma dimensão cada vez mais fechada a quaisquer prognósticos — e que, simultaneamente, parece aproximar-se como ameaça a questão consiste em saber se a humanidade conseguirá reunir crédito suficiente para mais alguns anos, antes que cheguem os mais catastróficos resultados desta situação (GUMBRECHT, 2015, p. 14).

Vários movimentos fizeram uso de algumas das mais recentes tecnologias que lhes eram contemporâneas¹⁰. Essa estratégia de comunicação, explorada primeiramente pelos zapatistas, mudou sua forma de se relacionar com o Estado e o restante da sociedade. No século XX, Manuel Castell aponta a ocorrência de uma quarta revolução industrial com o advento da informática. O autor explica:

O que caracteriza essa revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimento e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de armazenamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso (CASTELLS, 2002, p. 69).

François Hartog afirma que a tecnologia na sociedade de consumo provocou uma contração do tempo experienciado pelos seres humanos em velocidade cada vez maior com o passar dos séculos (HARTOG, 2014, p. 17). O autor explica também que no capitalismo tudo pode virar produto inclusive o próprio tempo. Viver o agora em fins do século XX e início do XXI ganhou um novo impulso frente o ritmo exponencial do progresso técnico-científico. Em certa medida as leis do espaço e do tempo são anuladas, uma criança de dez anos poderia ter acesso a mais informações do que o seu bisavô teve ao longo da vida inteira. Hartog termina apontando que no fim do século XX reinou a decepção com as utopias¹¹ e o pessimismo – crise econômica de 1974, o desemprego, o enfraquecimento do Estado de Bem-Estar Social e fracasso de revoluções e regimes socialistas – aumenta o desejo pelo agora em detrimento do saudosismo do passado e a fé do futuro. Diz o autor:

¹⁰ Dentre os mais conhecidos nesse aspecto pode-se citar o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). No encontro nacional de 1997, o movimento decidiu criar um site e começar a utilizar a *internet* como campo de luta social. Este movimento camponês também compreende o acesso a internet como um direito fundamental e o coloca dentro de sua gama de pautas reivindicatórias (MST, 2021). O grupo hacker *Anonymous* ganhou muita notoriedade no Brasil por ocasião da onda de protestos em 2013 que ficou conhecida como Jornadas de Junho. Sua atuação é descrita como hackerativismo ou ciberativismo (CASTELLS, 2014).

¹¹ Entenda-se que utopia: “Não é somente pensamento, e ainda menos fantasia, ou sonho para sonhar-se acordado; é uma ideologia que se realiza na ação de grupos sociais. Transcende a situação histórica enquanto orienta a conduta para elementos que a realidade presente não contém” (BOBBIO, 1998, p. 1285).

[...] as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa. Produtividade, flexibilidade, mobilidade tornam-se as palavras-chave dos novos administradores. Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. A mídia, cujo extraordinário desenvolvimento acompanhou esse movimento que é, em sentido próprio, sua razão de ser, faz a mesma coisa. Na corrida cada vez mais acelerada para o ao vivo, ela produz, consome, recicla cada vez mais palavras e imagens e comprime o tempo: um assunto, ou seja, um minuto e meio para trinta anos de história (HARTOG, 2014, p. 148).

A internet esteve presente em momentos de grande efervescência dos movimentos sociais, tais como protestos antiglobalização, *Occupy Wall Street*¹², Primavera Árabe¹³, dentre outros. Manuel Castells observou que de alguma forma esses acontecimentos estavam interligados. Algo que ligasse a consciência das pessoas, suas experiências de revolta, mesmo em contextos sociais, econômicos e políticos muito diferentes. Muito da organização desses protestos se deu através de redes sociais e a agremiação de pessoas sem um histórico militante muito deve-se às mesmas e outros sites como o *YouTube*. Estas são consideradas pelo autor espanhol a atividade mais importante hoje na internet (CASTELLS, 2014, p. 136). O autor verificou que essa proximidade foi construída nas redes do ciberespaço que questiona:

O que há de comum entre a Tunísia e a Islândia? Absolutamente nada. E, no entanto, as insurgências políticas que transformaram as instituições dos países em 2009-2011 tornaram o ponto de referência para os movimentos sociais que sacudiram a ordem política no mundo árabe e desafiaram as instituições políticas na Europa e nos Estados Unidos. [...] Novas vias de mudança social, mediante a capacidade autônoma de comunicar-se e organizar-se, têm sido descobertas por uma nova geração de ativistas, para além do alcance dos métodos usuais de controle empresarial e político (CASTELLS, 2014, p. 19-20).

Processo semelhante ocorreu no caso zapatista. A defesa da proposta do movimento zapatista e da sua narrativa sobre este e outros episódios mais recentes foi feita principalmente por meio digital. O que possibilitou que simpatizantes de diversos lugares e contextos sociais e políticos se envolvessem indiretamente. Uma rede de apoio foi formada por organizações políticas, outros movimentos camponeses e também pessoas que não estão diretamente inseridas no meio militante.

Os movimentos sociais na Hiper-história encontram no ciberespaço diferentes pessoas de múltiplos contextos interagindo entre si como Manuel Castells nos mostrou anteriormente. Em 2001, o movimento zapatista comunicou através de seu site oficial que respondeu perguntas de jornalistas e pessoas comuns – estudantes, militantes de outras organizações e movimentos, simpatizantes da causa de uma forma geral – enviadas por email (EZLN, 2001). O subcomandante

¹² O *Occupy Wall Street* foi uma onda de ocupações de ruas e prédios ligados ao mercado financeiro em 2010.

¹³ Termo que designa uma onda de protestos contra governos autoritários em países islâmicos que começou em 2011 na Tunísia e se espalhou para o Egito, Síria, Líbia, dentre outros. Sobre a Primavera Árabe, Manuel Castells afirma que a *internet* teve papel preponderante para essas insurreições, especialmente na Tunísia, Egito e Líbia onde suas respectivas ditaduras foram derrubadas. Ainda que não tenham conseguido instituir regimes democráticos posteriormente (CASTELLS, 2014).

Marcos foi incumbido de redigir as respostas do movimento. Os zapatistas se referiam estes como “cibernautas”, na tentativa de descrevê-los como navegantes num espaço ainda recente para as pessoas nos países subdesenvolvidos. Uma dessas perguntas dizia respeito justamente a rede de apoio remota a causa zapatista:

Pergunta número 9: Se a delegação zapatista não vai passar pela minha cidade, como posso participar desta mobilização? Resposta: De várias formas. Uma delas é você se informando do percurso da delegação, assim você terá condições de ver aonde a delegação do EZLN realizará atos públicos e você poderá se organizar para estar presente. Outra é você se unindo à caravana zapatista, seja na hora de sair de Chiapas, ou durante o percurso, ou na chegada ao DF. Outra ainda é realizando atos de divulgação e propaganda na sua cidade, paralelamente à realização da marcha. Na página do CIZ você encontrará informações fresquinhas sobre os objetivos da marcha e o que irá acontecer a cada dia (EZLN, 2001)

No mundo hiperconectado os movimentos sociais são simultaneamente locais e globais (CASTELLS, 2014, p. 130). Começam por motivos específicos do seu contexto local, criam redes de apoio e constroem seu próprio espaço público ao intervir no espaço físico e conectar-se às redes da *internet*. Tornam-se globais pois ao estarem conectados compartilham experiências e são estimulados uns pelos outros a avançar em suas próprias mobilizações. Um exemplo clássico seria a Ação Global dos Povos (ACP), uma união de vários movimentos que impulsionou os protestos antiglobalização na década de 1990.

Em seu manifesto a ACP afirma que “Do comércio de escravo de séculos atrás para a colonização imperial de povos, terras e culturas pelo globo, a acumulação capitalista se alimentou sempre de sangue e lágrimas dos povos do mundo. Esta destruição e miséria só foram contidas pela resistência dos movimentos de base” (AGP, 1998). Faziam forte oposição aos blocos econômicos, assim como os zapatistas contestavam o Acordo de Livre-Comércio da América do Norte (NAFTA). Sobre os blocos econômicos e organismos internacionais a ACP diz em seu manifesto que:

[...] vivemos em um tempo no qual o capital, com ajuda de agências internacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (IMF), o Banco Mundial (WB) e outras instituições, está forçando as políticas nacionais para fortalecer seu controle global sobre a vida política, econômica e cultural. Acordos de comércio também estão proliferando ao nível regional. NAFTA (o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio) é o protótipo de um acordo regional que liga e envolve legalmente países privilegiados e desprivilegiados, e busca-se estender seu modelo para a América do Sul. [...] Todos estes acordos regionais consistem na transferência de poder de decisão do nível nacional para instituições regionais que são mais distantes das pessoas e menos democráticas até mesmo do que o Estado-nação (AGP, 1998).

A partir da leitura de Castells entende-se que na Hiper-história¹⁴, os movimentos sociais criam suas próprias formas de tempo, descrito como trans-histórico e atemporal. Ao passo que no seu cotidiano, se vive um dia após o outro nos lugares ocupados, sem saber quando virá a repressão, a expulsão, o seu horizonte temporal é muito próximo. Simultaneamente, nos seus projetos existe um horizonte temporal muito mais distante, de possibilidades infinitas, baseado em um desejo de transformação completa do mundo. Como o tempo humano só existe a partir da prática, este tempo é um híbrido do agora para com o para sempre (CASTELLS, 2014, p. 130).

O caso zapatista se mostrou o primeiro a melhor enquadrar-se nessa lógica como já explicado anteriormente. Movimentos como *Occupy Wall Street* e Primavera Árabe se originaram nas redes sociais, mas foi no espaço físico que eles se tornaram movimentos. O espaço do movimento é sempre interação do espaço dos fluxos da Internet e demais redes de comunicação com o espaço urbano ou não-urbano. Esse híbrido de ciberespaço e espaço físico é chamado pelo filósofo espanhol de espaço da autonomia (CASTELLS, 2014, p. 129).

Desbravar o ciberespaço foi imprescindível para a sobrevivência da população chiapaneca em insurreição. Muito das informações sobre os dez dias de confronto contra o exército mexicano em janeiro de 1994, vieram de textos compartilhados através de listas de e-mail. O amplo compartilhamento da narrativa zapatista levou a construção de uma rede de “comunicação e solidariedade, utilizando os recursos do correio eletrônico e das redes de comunicação via Internet foi tecida em todo o mundo por ativistas de direitos humanos, simpatizantes da causa zapatista e movimentos sociais alternativos” (ORTIZ, 2005, p. 175). Sem esse apoio, um verdadeiro genocídio teria acontecido devido ao fato dos zapatistas não terem poder bélico equiparável ao exército (BRIGE; ORTIZ; FERRARI, p. 33, 2007 apud ROSA, 2013, p. 57). O próprio movimento zapatista na Segunda Declaração da Selva Lacandona reconhece que:

[...] a Sociedade Civil assumiu o dever de preservar a nossa Pátria, desaprovou o massacre e obrigou as partes a dialogarem; todos compreendemos que os dias do partido que se eterniza no poder, aquele que usa em proveito próprio o fruto do trabalho de todos os mexicanos, devem chegar ao fim (EZLN, 1994b).

O EZLN saiu de um conflito armado para uma guerra midiática. Essa disputa de narrativas no ciberespaço era diferente de tudo que tinha sido visto antes. O jornal estadunidense *The Washington Post* afirmou que os zapatistas travam uma guerra virtual. Os zapatistas avançavam na propaganda, lutando em “barricadas” no ciberespaço. Tornando a guerrilha mais bem sucedida na

¹⁴ Manuel Castells não explora o conceito de Hiper-história, a afirmação neste artigo é baseada na leitura dos estudos do autor sobre os movimentos sociais e de Luciano Floridi, criador do conceito.

mobilização *online* de apoio internacional pouco mais de um ano da primeira batalha com armas de fogo.

A *Folha de S. Paulo* também cobriu a revolta zapatista desde os primeiros dias. O filósofo francês Alain Touraine afirmou em entrevista que os zapatistas só foram guerrilheiros por quatro dias, durante os combates mais intensos entre o EZLN e o exército em 1994. Seu braço armado nasceu a partir de uma célula¹⁵ das antigas Forças de Libertação Nacional e seus membros eram estudantes e professores universitários, de orientação marxista-leninista, que após a intensa repressão estatal tentava constituir novos núcleos guerrilheiros no México. Em Chiapas, organizações maoístas e católicos adeptos da teologia da libertação já atuavam a tempos junto às populações indígenas. Estas visões sobre o socialismo e a crítica a experiências anteriores, mais a convergência com o pensamento indígena vieram formar a singular *práxis* zapatista.

Os comunicados zapatistas nos vários veículos digitais tem uma presença muito forte de elementos tradicionais e mitológicos do passado maia daquela população. O movimento zapatista possui sites, onde são publicados textos, notas de repúdio, atividades, congressos, notícias além de expor os princípios desses movimentos sociais. A comunicação zapatistas passa por vários gêneros literários sendo as cartas à imprensa e ao público geral as de maior evidência (ARAÚJO, 2011, p. 239). É possível ler poesias e contos de autoria do Subcomandante Marcos de elementos da mitologia indígena chiapaneca com a luta de classes. Um exemplo é a associação de Emiliano Zapata à Votán, o deus maia da guerra e os contos do Velho Antônio, espírito considerado o fundador mítico do EZLN (NETTO, 2007, p. 276). O EZLN reivindica a representificação¹⁶ de um passado heróico e mítico já na Primeira Declaração da Selva Lacandona - documento divulgado poucos dias após o início do confronto - definindo como “[...] produto de 5000 anos de lutas: primeiro contra a escravidão, na guerra de Independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para evitar sermos absorvidos pelo expansionismo norteamericano” (EZLN, 1994a).

A representificação de um passado heróico é evocado recorrentemente nas declarações da selva lacandona, sendo a Revolução Mexicana de 1910 frequentemente resgatada como exemplo de glória militar e enfrentamento da tirania e de Emiliano Zapata liderança popular do início do século XX que inspira o nome do movimento (EZLN, 1994b).

¹⁵ O termo célula refere-se a um grupo armado com poucos membros e que se mantém em constante movimento de acordo com a doutrina foquista da luta armada (GUILHEM, 1969).

¹⁶ Sobre representificação Paul Ricoeur explica: “representar não é imitar no sentido de assemelhar-se a... ou de copiar. É necessário desfazer cuidadosamente o preconceito segundo o qual representa é imitar por semelhança” (RICOEUR, 2005, p. 356). De maneira que a representificação se refere à passados que não passam, inflando o presente.

No caso do movimento zapatista a própria decisão de insurgir-se em armas no de 1994 só foi tomada após uma consulta às comunidades chiapanecas que em seu conjunto concordam com a necessidade de radicalização (EZLN, 1994b). A democracia direta é um valor muito caro aos zapatistas e as instâncias centralizadoras são mínimas, sendo a mais importante o Comando Clandestino Indígena, composto por membros de todas as etnias indígenas. É a instância responsável por coordenar a estratégia militar do EZLN. As práticas federalistas estão em sintonia com outros movimentos antissistema na década de 1990 como a Ação Global dos Povos que afirmava ser “um instrumento de coordenação, não de organização” (AGP, 2001). Aqui vale citar que a *internet* proveu aos movimentos sociais ferramentas para decisões coletivas de escala nacional e internacional (CASTELLS, 2014, p. 131).

A Hiper-história e o trabalho do historiador

O historiador que se debruça sobre os movimentos sociais no século XXI, encontrará seu trabalho de campo não apenas nos jornais, boletins de polícia, assentamentos e ocupações, mas também na rede mundial de computadores. A onipresença da internet se dará de forma cada vez mais intensa. Na década de 1990 o uso da internet se limitava a listas de discussão e de e-mails e sites simples – texto e imagem (RIVELLO; PIMENTA, 2008, p. 6). No momento em que se escreve esse artigo, a internet vai muito além: sites de relacionamento, compartilhamento de áudio e vídeo, *streaming* de músicas e filmes, compras, divulgação científica, armazenamento remoto de arquivos entre outros. O computador deixou de ser o protagonista no ciberespaço que agora é desbravado com o uso de *smartphones*, *smartwatches*, *tablets*, assistentes virtuais, além da Internet das Coisas que permite ainda mais objetos estejam conectados, como automóveis e casas inteligentes. Desse modo, cada vez mais, os passados que não passam invadem e inflam o presente.

A *internet* permitiu uma maior aproximação entre a produção do conhecimento científico e as pessoas que não têm contato com a pesquisa acadêmica (FELICE; BONAMI, 2019, p. 723). Da mesma forma esta rede permite a pessoas que antes não tinha contato com os movimentos sociais a conhecerem suas propostas para a sociedade. As tradições dos movimentos permanecem, mas para além da oralidade ganham o meio digital.

Outro ponto é o maior enfrentamento entre diversas narrativas sobre o mesmo fato histórico, exemplo do que ocorreu no caso zapatista. Imediatamente ao início do conflito o movimento zapatista apressou-se em divulgar o mais rápido possível sua visão dos fatos. O governo mexicano

tão logo também o fez acompanhado por jornais e de redes de televisão, cada um construindo uma narrativa marcada por sua identidade redacional.

A historiadora Toni Weller entende que o historiador enfrenta grandes desafios em um mundo cada vez mais digital. O principal é definir uma postura rígida no tratamento de fontes e objetos de pesquisa disponibilizados em mídia digital (WELLER Apud ZANARDO, 2016, p. 303). Ao mesmo tempo existe grande potencial no aumento exponencial de documentos nascidos digitais ou digitalizados a partir de suas versões físicas à disposição do historiador. Sendo assim o pesquisador além de preocupar-se com a quantidade e busca de fontes, deverá reforçar muito mais o rigor na interpretação das mesmas (ZANARDO, 2016, p. 304).

Considerações Finais

O conceito de Hiper-história como dito no início desse artigo ainda é recente e carece de um maior debate na comunidade de historiadores. Floridi se mostra um pioneiro ao tentar delimitar uma nova fase da humanidade. Verdadeiramente um mundo hiperconectado está a cada dia mais envolvido com os indivíduos, organizações políticas, movimentos sociais, Estado e demais instituições humanas. A inovação tecnológica continua em vertiginoso ritmo rumo a uma integração cada vez mais íntima com o ser humano, a exemplo dos aparelhos “vestíveis” como *smartwatches*. Assim sendo, o campo de estudo e a responsabilidade do historiador igualmente crescem.

Não se pode, porém, ignorar o fato de que esses avanços tão empolgantes permanecem alheios a realidade de parcela considerável da população mundial. No mesmo mundo em que revoltas sociais são transmitidas instantaneamente através da *internet*, existem pessoas que sequer sabem ler, totalmente a margem dessas mudanças. A oralidade permanece ainda em muitas comunidades como fonte de transmissão de conhecimentos.

Quando o movimento zapatista decide utilizar a *internet* para travar uma batalha midiática contra o Estado mexicano fez muito mais do que apenas propaganda. Sendo seus textos em meio digital, também uma fonte histórica e aquela população ainda tão carente de acesso a esse mundo tecnológico, não é exagero de dizer que os zapatistas deram um pequeno passo para que os “de baixo”¹⁷ adentrassem também na Hiper-história.

¹⁷ Sobre o termo “os de baixo”, compreende-se toda sorte de trabalhadores e pessoas oprimidas sob toda sorte de aspecto (gênero, classe, raça). Num dos trechos da pesquisa de Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho é possível apreender-se essa ideia: “o poder dever ser progressivamente exercido pelos ‘de baixo’, pelos trabalhadores e estes apenas podem aprender a exercer o poder no seu auto-exercício, de forma autônoma. Neste ponto nos parece residir uma das grandes contribuições do EZLN para a luta social” (HILSENBECK FILHO, 2007, p. 192).

A partir do conceito apresentado por Luciano Floridi e a análise feita a partir das fontes primárias e secundárias conclui-se que a forma de se fazer História mudou drasticamente, podemos assim chamá-la de Hiper-história. Porém, o objetivo maior deste artigo é impulsionar o debate no âmbito historiográfico. Sendo a meio acadêmico, uma comunidade auto-vigilante, o tema só tem a crescer em importância e conteúdo. No que tange aos movimentos sociais, objeto de estudo de muitos historiadores, seu lugar no mundo hiper-histórico, permanece a impulsionar mudanças sociais. A extensão dessas mudanças, porém, necessita de uma maior atenção da comunidade de historiadores.

Na sociedade hiper-histórica Floridi demonstra que a informação passou a ser transmitida cada vez mais rápida. A distância no espaço entre a fonte da informação e o leitor dela se tornou nula com o advento da internet. Na Hiper-história de maneira alguma os arquivos físicos e a oralidade perdem importância. Porém, não se pode negar que a rede mundial de computadores faz parte da realidade de parcela considerável da população brasileira¹⁸. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2019, 126,9 milhões de pessoas - 70% da população brasileira - usaram a rede regularmente em 2018. Cerca de 28% não tem nenhum acesso, essa porcentagem corresponde a metade da população rural e das classes D e E. Como se pode ver a internet ainda não é totalmente acessível para os sujeitos apontados por Castells como impulsionadores dos movimentos sociais, “pessoas em crise nas condições de vida que tornam insustentável a existência cotidiana” (CASTELLS, 2014, p. 127).

Será possível então afirmar que a Hiper-história ainda não chegou para todos? Haveria pessoas ainda presas na História? Ainda que o acesso ao aparato tecnológico de ponta não seja acessível para a totalidade da população, esta tem quantidade razoável de informações pessoais em meio digital. Bancos de dados do governo e corporações crescem na mesma velocidade. Mais informação sobre uma pessoa pode ser digitalizada do que esta pode tomar consciência. Vivemos em um tempo onde programas de computador monitoram comportamentos individuais e coletivos a fim de prever cenários políticos e sociais no futuro.

A internet não é mais uma rede de computadores apenas. É uma rede de pessoas, costumes, culturas, ideologias, territórios, que se interrelacionam na velocidade da luz. Influencia nossa educação, nosso gosto musical, a escolha dos candidatos em uma eleição, alimenta a rebelião da

¹⁸ No Brasil, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídias 2016 da Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal, cerca de 49% das pessoas utilizam a internet como primeira ou segunda opção para se informar sobre o que ocorre no Brasil e no mundo. Segundo a mesma pesquisa este percentual aumenta consideravelmente entre a população jovem, brancos e de classe média.

juventude. O conhecimento produzido nas universidades seja pela física, química, biologia, filosofia ou história quase imediatamente ganha a *internet* como seu destino após o longo caminho exigido pelo rigor científico. Por fim, ressalta-se que os estudos sobre a Hiper-história abrem um leque muito maior de perguntas do que respostas. Hiper-história, movimentos sociais e tecnologia são temas entrelaçados, cuja interação ainda tem muito a ser explorada.

Fontes

Sites

Nodo50 (textos traduzidos para o português): <https://www.nodo50.org>

Enlace Zapatista (textos em espanhol): <http://enlacezapatista.ezln.org.mx>

Manifesto da Ação Global dos Povos - Conferência de 1998: <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/agp/02manifestoagp.htm>

Princípios organizacionais da Ação Global dos Povos (AGP) - Conferência de 2001: <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/agp/04orgagp.htm>

Pesquisas

Pesquisa TIC Domicílios: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf

Matérias de Jornal

Hemeroteca Brasileira: <https://bndigital.bn.gov.br/>

Folha de S. Paulo: <https://www.folha.uol.com.br/>

Jornal do Brasil: <https://www.jb.com.br/>

Referências

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98. 2020.

ALVES, Fabrício Gomes. Entre a Cultura Histórica e a Cultura Historiográfica: implicações, problemas e desafios para a historiografia. **Edos**, v. 2, n. 5, p. 1-16.

ARAGÃO, Luiz Adriano Lucena. **História E Pré-História**: investigando os usos desses conceitos nos Livros Didáticos de História. Dissertação (Mestrado em História), Recife: Universidade Federal Rural de Permanbuco - UFRPE, 2019.

ARAÚJO, Mélanie Létocart. Da política às letras: o protagonismo literário do subcomandante Marcos. *Miscelânea*, v. 09, 2011, 231-246.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra. 2002.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

EZLN. **Primeira Declaração da Selva Lacandona.** Janeiro de 1994.

EZLN. **Segunda Declaração da Selva Lacandona.** Junho de 1994.

EZLN. **Terceira Declaração da Selva Lacandona.** Janeiro de 1995.

EZLN. **Quarta Declaração da Selva Lacandona.** Janeiro de 1996.

EZLN. **O EZLN Responde.** Fevereiro de 2001.

FELICE, Maximo; BONAMI, Beatrice. Ecologias conectivas: a qualidade transorgânicas das interações nos ambientes-redes. **Educação Unisinos**, n. 23, 2019.

FISHER, Mark. **Capitalist Realism:** is there no alternative. Winchester: Zero Books, 2009.

FLORIDI, Luciano. **The Onlife Manifesto:** being human in a hypeconnected era. London: Springer Cham, 2015.

FLORIDI, Luciano. Hyperhistory, the Emergence of the MASs, and the Design of Infraethics. **Open Mind BBVA [online]**, sem data.

FLORIDI, Luciano. Hyperhistory and the Philosophy of Information Policies. **Philos. Technol**, v. 25, 129–131, 2012.

FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais.** Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola. 2006.

GUILHEM, Abraham. **Desafio al Pentagono:** La Guerrilla Latinoamericana. Montevideo: Editorial Andes, 1969.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **O nosso amplo presente:** o tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Ed UNESP, 2015.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014.

HOBSBAWM, Eric J. **Bandidos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 1992.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2007.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

MATTAR, João. **Metodologia Científica na Era Digital**. São Paulo: Saraiva, 2017.

MIGLIOLI, Jorge. O colapso soviético e os movimentos socialistas. **Cadernos AEL**, v.17, n. 29, 2010.

MORAES, Felipe. A Palavra Zapatista: uma revolução mediática como e emancipação social. **Revista Electrónica do Programa de Doutorado Pós-Colonialismos e Cidadania Global**, n. 2, 2007, p. 1-55.

LIMA, Mayrá. O MST e o exercício da democratização da comunicação. **MST [online]**, 2021.

NEGRI, Antonio. **Contrapoder**. Buenos Aires: Ediciones de Mano en Mano, 2001.

NERI, Emanuel. Sociólogo francês Alain Touraine está em encontro da guerrilha mexicana. **Folha de S. Paulo**, 02/08/1996.

NETTO, Sebastião Leal Ferreira Vargas. **A mística da resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos**. Tese (Doutorado em História Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2007.

ORTIZ, Pedro Henrique Facó. Das montanhas mexicanas ao ciberespaço. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, 2005, p. 173-186.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ROBBERSON, Tod. Zapatistas ‘combatem’ via internet. **The Washington Post**, Caderno Jornal do Brasil, 26/02/1995, Internacional. p. 7.

RIVELLO, Ana Paula Avellar; PIMENTA, Francisco Paoliello. Ciberativismo e zapatismo. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo: **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2008.

ROSA, Iara Bethania Rial. **Os Movimentos Sociais Conectados: A Voz Zapatista Que Ecoa Na Internet**. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras), Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2013.

ZANARDO, Julia. Desafios do historiador na era digital. **Almanack**, n.14, p. 303-307, 2016.

Recebido em: 12 de junho de 2022.

Aprovado em: 15 de agosto de 2022.